A TECNOLOGIA MODERNA COMO MEDIAÇÃO ANTROPOLÓGICA: O HOMEM UNIDIMENSIONAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Brenna Karoline Alves Aires[1]
brennaaires1@hotmail.com
Angela Luzia Miranda[2]
angelalmiranda@gmail.com

RESUMO

Quais as implicações da tecnologia para a configuração antropológica do ser humano na modernidade? Esta questão está no centro deste estudo, que busca compreender introdutoriamente os impactos antropológicos da tecnologia na modernidade, a partir da caracterização da unidimensionalidade do homem contemporâneo pelo filósofo Herbert Marcuse. Trata-se de uma investigação filosófica, bibliográfica e descritiva sobre os efeitos da tecnologia na modernidade, cuja abordagem abrange a perspectiva antropológica da questão. Além do próprio Marcuse, outros pensadores da atualidade, serão fundamentais para este propósito, como: Zygmunt Bauman, Milton Santos e André Gorz. Considerando que "a tecnologia é um fenômeno social, circunscrita a partir de circunstâncias históricas de cada época e, por isso mesmo, passível de identidade variável ao longo da história" (MIRANDA, 2013, p. 21), esta pesquisa parte da análise da tecnologia na era industrial (meados do século XX) e segue até as suas implicações antropológicas nos dias atuais, considerando-a, sobretudo, na era da globalização. A tecnologia é um fenômeno que não pode de modo algum ser desvinculada do uso que lhe é dado; ela cumpre uma função social. Tal como afirma Marcuse (1973), ela possibilita a introdução de necessidades no homem acima do nível biológico e da esfera material, transformando-o em unidimensional: aquele que é possuidor do mundo objetivo como extensão da mente e do corpo humano. Encerramo-nos em um ciclo tecnológico, numa sociedade da microeletrônica onde há, parafraseando Marcuse, uma conquista tecnológica do homem pelo homem; seu pensamento e suas ações agem dependentes de uma racionalidade tecnológica. Por fim, conclui-se que, para entender as relações que circundam os assuntos de ciência, tecnologia e sociedade (CTS), necessita-se alargar as discussões a respeito da relação e função social da tecnologia em nosso meio. Dessa forma, analisar o caráter antropológico da tecnologia é problematizar os impactos da mesma em nosso dia-a-dia, e procurar promover uma visão mais ampla sobre este fenômeno, longe de identificá-la e reduzi-la como instrumento (visão instrumental) ou como um mero fazer humano.

Palavras-chave: Tecnologia, Marcuse, Antropologia, Mediação, Globalização.

---

[1] Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia, UFRN, Natal, RN, Brasil. Membro do Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade (PHRÒNESIS/UFRN).

[2] Doutora em Filosofia, pela Universidade de Salamanca (ES); Doutora em Ciencia, Tecnología y Sociedade pela Universidad del País Vasco. Professora de Ética em Ciência e Tecnologia da Escola de Ciências e Tecnologias, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, Brasil. Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade (PHRÒNESIS /UFRN).

1. Introdução

Há apenas uma dimensão, que está em toda parte e têm todas as formas.
Herbert Marcuse

Partindo do exposto na citação acima, este trabalho apresenta uma análise das implicações antropológicas da tecnologia moderna, a partir da concepção de Herbert Marcuse presente na obra *O Homem Unidimensional* publicada em 1964, ao mesmo tempo, também procura demonstrar a atualidade desta tese marcuseana, considerando o fenômeno da globalização presente em nosso tempo, e suas características peculiares em torno da unidimensionalidade da condição humana dada pela tecnologia. Para tanto, parte-se inicialmente do estudo aprofundado da própria obra de Marcuse *O Homem Unidimensional* para se chegar à atualização de seu pensamento, através do fenômeno da globalização, considerando a leitura de autores contemporâneos que tratam do tema, tais como: Octavio Ianni, Milton Santos, Zygmunt Bauman, André Gorz, Renato Ortiz e outros.

Para uma melhor compreensão destes conceitos é apresentado primeiramente a descrição da relação das obras de Marcuse com o contexto social de sua época e, posteriormente, as características do homem unidimensional por ele descritas. Em seguida, aborda-se o aspecto da globalização e sua propagação pelas tecnologias da informação. O enfoque prioriza o significado e a identidade deste fenômeno na atualidade e sua intrínseca relação com a caracterização da unidimensionalidade da condição humana no mundo contemporâneo. Em outros termos: o trabalho conclui por afirmar que o homem unidimensional descrito por Marcuse, torna-se visível na atualidade, e reforça a tese da importância desta análise para uma demonstração dos impactos tecnológicos nas relações sociais do ser humano.

O artigo está organizado da seguinte forma: Num primeiro momento, analisa-se o contexto do surgimento da análise da tecnologia na obra de Marcuse. Aqui prioriza-se as principais reflexões e conclusões em torno ao significado e consequências da tecnologia por ele descritas, postulando o controle que o sistema exerce sobre o pensamento e o agir humano, e a caracterização da unidimensionalidade da condição humana sugerida por Marcuse, com o advento da tecnologia moderna. Num segundo momento, utilizando-se da caracterização do próprio sentido da globalização, como fenômeno surgido na contemporaneidade, o trabalho consiste em estabelecer a

intrínseca relação entre a condição de unidimensionalidade do ser humano e o mundo globalizado. Como conclusão, evidencia-se que a autonomia da condição humana na contemporaneidade requer um pensamento crítico sobre a condição de simples receptor e consumidor de tecnologias, ao mesmo tempo em que também reivindica a passagem para o exercício livre das suas escolhas e necessidades. Trata-se aqui, portanto, de ratificar a atualidade do pensamento marcuseano quanto às implicações antropológicas da tecnologia no mundo atual.

2. Tecnologia como questão antropológica em Marcuse

O filósofo Herbert Marcuse (1898 - 1979) é considerado como um dos maiores pensadores de sua época, em meados do século XX. Suas principais obras *Razão e Revolução*, publicada em 1941, *Eros e Civilização*, publicada em 1955 e a obra em análise *O Homem Unidimensional*, publicada em 1964, influenciaram vários movimentos da nova esquerda e foram debatidos por vários teóricos e estudiosos políticos de uma geração ativista. Sobre este contexto, assim se refere Kellner: "No final dos anos 60 e início dos 70, Herbert Marcuse era considerado um dos mais importantes teóricos vivos. Mundialmente aclamado como o filósofo da libertação e da revolução [...]" (KELLNER, 1999, p.15).

Entre suas principais contribuições, Marcuse empreendeu vários estudos e escritos relacionados à teoria crítica da sociedade, sobretudo nos âmbitos do capitalismo, da tecnologia, do trabalho e do consumo. O filósofo apresenta em suas publicações as influências que recebeu dos escritos de grandes teóricos como Marx, Hegel, Heidegger e Freud, seguindo as linhas de pensamento dos mesmos e apresentando uma releitura destas no contexto de sua época.

Marcuse integrou em 1933, o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt na Alemanha (também conhecida por Escola de Frankfurt), juntamente com outros estudiosos como Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Erich Fromm e Walter Benjamin, dirigidos pelo filósofo Max Horkheimer. A instituição de caráter marxista dedicou-se à teoria social crítica, e seus pensadores se esmeraram em compreender, a partir de Marx, as condições sociais de sua época, tais como: a ascensão do nazismo, das mídias de massa, do comunismo, do movimento socialista, dos regimes totalitários, das guerras mundiais, os efeitos sociais da ciência e da tecnologia, etc.

No período da eclosão do nazismo por motivos de sua descendência judia, e por e por ser um crítico deste sistema, o filósofo migrou para Suíça e posteriormente para os

Estados Unidos, de onde pôde vivenciar na década de 40 a segunda guerra mundial, a guerra fria e a divisão do mundo pelas duas grandes potências mundiais. Trabalhou para o governo americano durante o período compreendido entre 1939 até 1951 e, posteriormente, iniciou sua carreira de professor universitário em Columbia e Harvard. Douglas comenta sobre a importância desses momentos para a construção da crítica marcuseana afirmando:

> Marcuse conseguiu um posto de observação privilegiado para analisar esses fatos, lendo e escrevendo documentos secretos do governo, recomendando linhas de ação e participando em debates dentro do governo, e mais tarde na esfera pública e universitária. Tal trabalho contribuiu para as atividades teóricas e politicas de Marcuse nas décadas seguintes e permitiu que ele produzisse suas próprias concepções (KELLNER, 1999, p. 68).

Marcuse constrói sua definição de tecnologia gradualmente ao longo dos anos, na qual descreve os aparatos tecnológicos como organizadores modernos da estrutura social industrial e, portanto, provisionadores de um regime totalitário. "Suas análises do fascismo revelam o vínculo entre totalitarismo, capitalismo, tecnologia e formas potentes de dominação cultural" (KELLNER, 1999, p.18).

Marcuse demonstra em seus escritos sobre as perspectivas políticas e teóricas da tecnologia, e boa parte do que trata em *O Homem Unidimensional* é introduzido em seu artigo *Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna,* publicado em inglês no ano de 1941 no periódico do Instituto Studies in Philosophy and Social Science. Esse artigo encontra-se ainda, reunido numa coletânea de artigos de Herbert Marcuse, editada pelo filósofo norte-americano Douglas Kellner (com autorização de Peter Marcuse, filho de Marcuse, e do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt) e reunida no livro *Tecnologia, Guerra e Fascismo*, publicado em 1999, que é tomado como referencial para este trabalho.

Nesse artigo, Marcuse aponta a tecnologia como mantenedora da consciência comum (posteriormente caracterizada como unidimensional) que oprime a individualidade do ser, pois perpetua padrões comportamentais ditados pelas regras econômicas e políticas da sociedade tecnológica. Mais detalhadamente, a pretensão do filósofo é analisar as transformações sociais ocasionadas pela revolução cientifico-tecnológicas na sociedade industrial. É, sobretudo, em *O Homem Unidimensional* que o autor descreve completamente a relação da tecnologia e a perda substancial da racionalidade crítica humana. Assim é, quando o filósofo aborda a submissão do homem às ideologias de dominação da consciência individual, espalhada pelo aparato

técnico-social, e quando ele observa a aderência do ser à administração total do sistema, sem oposição alguma, tal como veremos a seguir.

2.1. Reflexões sobre as consequências da tecnologia

Em *Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna* (1999), publicada pela primeira vez em 1941, encontra-se a definição marcuseana de tecnologia, descrita como um processo social, que influencia as relações sociais e é por elas influenciada. O filósofo distingue ainda nesse trabalho a técnica como sendo um conjunto de instrumentos e instruções no qual transborda racionalidade e legitimações. Esses conceitos são uma característica marcante de sua aproximação com os escritos de Martin Heidegger, sobretudo com as teses encontradas na magistral obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927, e de quando Marcuse foi orientado pelo próprio Heidegger em sua tese de doutorado. Os conceitos marcuseanos circunscrevem a tecnologia como um veículo de controle social por parte dos grupos dominantes.

Para Marcuse (1973), a sociedade passou por um processo tecnológico de mudanças na racionalidade e individualidade do homem. O efeito dessas transformações foi o determinante da produção em massa e disseminação dos aparatos tecnológicos em meados do século XX. Nessa época, a corrida armamentista tinha funcionado como um motor propulsor de descobertas e aplicações cientifico-tecnológico. O homem nesse período inseriu-se (e foi inserido) na esfera do eficiente, tal como analisa Marcuse:

> O indivíduo eficiente é aquele cujo desempenho consiste numa ação somente enquanto seja a reação adequada às demandas objetivas do aparato, e a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou (MARCUSE, 1941, *in* KELLNER, 1999, p. 78).

Tais processos tecnológicos haviam surgido com a promessa de uma sociedade mais liberal, no entanto, contrariamente eram eles mesmos ditados pelas regras econômicas do sistema dominante.

Especialmente após a II Guerra Mundial, Marcuse passou a evidenciar a relação intrínseca entre o poder tecnológico e o poder econômico, identificando em sua época que a racionalidade tecnológica tinha absorvido e se tornado a própria racionalidade individual do ser. A obra *O Homem Unidimensional*, nesse contexto, vem apontando definitivamente a tecnologia como o fator crucial utilizado pelo sistema para efetivar

sua dominação social: “a tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social” (MARCUSE, 1973, p.18).

Para exemplificar a tese marcuseana acima apresentada, recorre-se ao elucidado sobre o arame farpado, pelo filósofo francês Olivier Razac, autor da obra *Histoire politique du barbelé* (História política do arame farpado) de edição parisiense, publicada em 2009. Razac produziu um artigo muito oportuno ao que se pretende demonstrar aqui intitulado: *Arame farpado; ferramenta rudimentar mas ainda eficaz*, publicado no jornal *Le Monde Diplomatique* em setembro de 2013. Nesse, afirma: “A persistência de um objeto tão pouco elaborado pode surpreender”, enfatizando que “a maior violência não é forçosamente a mais impressionante” (RAZAC, 2013), e que o arame farpado cumpre sua função social e política na medida em que delimita os espaços, protege-os, fortifica-os e os encerra geograficamente. Em seu trabalho, Razac pontua adiante: “A resposta à questão “arame farpado ou não”? é um indicador bem confiável da tecnologia política e do tipo de relações entre governantes e governados” (RAZAC, 2013), explicando o porquê de o arame farpado ser utilizado nas mansões ricas da África do Sul ou desenrolado pela polícia para afastar os manifestantes nas Filipinas, enquanto que na França isso não se faz.

E agora, ratificando explicitamente a frase de Marcuse sobre as novas formas, mais eficazes e agradáveis de coesão social, proporcionadas pela tecnologia, encerramos com a apresentação de Razac, da fascinação atual pelo uso da cerca vegetal:

> Graças a uma escolha de essências vegetais com espinhos particularmente agressivos, esse novo tipo de barreira permite criar um obstáculo tão eficiente quanto uma cerca de arame farpado, por um custo parecido e com um retorno estético neutro, até mesmo agradável. Como se fosse arame farpado, com a vantagem de dar flores na primavera... (RAZAC, 2013).

2.2. Caracterização do homem unidimensional

Na obra *O Homem Unidimensional*, Marcuse (1973) analisa as implicações antropológicas da tecnologia no âmbito do desenvolvimento das livres faculdades humanas, discutindo as consequências das necessidades de consumo material que estão sendo introduzidas pelo sistema industrial. O filósofo assinala que acima do nível de satisfação biológica todas as demais necessidades humanas são falsas, pois elas são programadas fora do ser.

Na modernidade, o ser humano é descrito como unidimensional por quanto é dotado de uma racionalidade tecnológica. Nessa linha de pensamento iniciaremos nossa

apresentação do conceito filosófico de unidimensionalidade. Assim Marcuse afirma sobre as necessidades humanas além do nível biológico: “A intensidade, a satisfação e até o caráter das necessidades humanas, acima do nível biológico, sempre foram pré-condicionados” (MARCUSE, 1973, p. 26). Como se pode observar, o pensador utiliza o termo “pré-condicionados” para identificar a falta de liberdade de escolha por parte do homem, e acrescenta anteriormente, com a afirmação enfática “sempre foram”, a declaração de que as necessidades humanas sempre estiveram passíveis de influências.

Então, nos perguntamos: efetivamente o que a racionalidade cientifico-tecnológica acrescentou (ou extinguiu) na sociedade industrial? A discussão marcuseana atinge nesse aspecto o auge de uma teoria que foi idealizada desde os anos de 1940, onde o filósofo destaca que a mediação da tecnologia moderna na criação de falsas necessidades no homem, permitiu ao sistema alcançar níveis de alienação nunca antes identificados, e que essa já está tão aperfeiçoada ao ponto de não ser mais o homem capaz de reconhecer sua própria condição de dominado.

Marcuse (1973) expõe uma critica ácida à dominação da sociedade industrial no tocante ao uso do progresso técnico-cientifico para a conquista da consciência humana, afirmando que a expansão da produção material em larga escala dos processos centrífugos de consciência e racionalidade de consumo tecnológico vão atravessando fronteiras e impedindo a rejeição do mesmo. O sistema segue “usando a conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente” (MARCUSE, 1973, p.17).

Nesse contexto, os indivíduos já nascem com aspirações em si enraizadas, direcionadas a manutenção da condição unidimensional e para atitudes coesas aos padrões tecnológicos pré-estabelecidos. Para ilustrar tal condição, pode-se citar a reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo recentemente, em Janeiro de 2015, que relata sobre o diretor executivo da Google®, Eric Schmidt, ao participar do Fórum Econômico Mundial na Suíça, afirmou: “A internet desaparecerá!”, prevendo que no futuro a internet estará tão ligada ao cotidiano das pessoas que será impensável se dissociarem dela, ou seja, se tornará parte da rotina do homem que com ela interage sem nem ao menos notar (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Para reforçar a ideia acima, pode-se recorrer ainda, a um vídeo que começou a circular na rede social YouTube®, intitulada *A Magazine Is an iPad That Does Not Work*, em outubro de 2011, em que uma garotinha de apenas 1 ano de idade (os assim chamado “nativos digitais”), por ter contato inicialmente com o Ipad, posteriormente, ao

receber uma revista, tenta "folhear" as páginas repetindo os mesmos movimentos executados no aparelho eletrônico, além de procurar com seus dedinhos dar um *zoom* nas imagens, ou clicar nos ícones de texto, como se fosse uma tela *touch screen*.

Tais exemplos de atitudes condicionadas ilustram em nosso cotidiano a condição unidimensional apresentada por Marcuse em meados dos anos 60.

O homem, descrito por Marcuse, encontrar-se-ia na sociedade industrial dotado de uma falsa consciência que já havia alcançado qualitativamente os seus modos de pensar, agir, falar e se relacionar socialmente, tornando-se, os aparatos tecnológicos, extensões humanas do corpo e da mente. O autor relata que a alienação tecnológica se deu no interior do ente, obscurecendo a sua capacidade de criticidade; por meio da grande oferta de mercadorias, o sistema havia mecanizado o homem e silenciado sua oposição. Totalizando dessa forma o estado de dominação ideológica do sistema: "Há apenas uma dimensão, que está em toda parte e têm todas as formas" (MARCUSE, 1973, p. 31). A unidimensionalidade humana trataria, portanto, da única grandeza dominante no homem moderno: a dimensão tecnológica.

O homem unidimensional é apontado como aquele que se encontra encerrado em um ciclo tecnológico do qual não consegue subtrair-se, pois, nem se quer reconhece sua própria condição de alienação. Ele age sem oposição alguma às ideologias que lhe são impostas externamente, pois, se oferecesse oposição, ainda assim, tal ação seria considerada irracional. "A sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas" (MARCUSE, 1973, p. 19). Dessa forma, a unidimensionalidade faz relação ao processo mediador do uso da tecnologia como princípio e fim das relações humanas, tal como assinala Marcuse:

> No período contemporâneo, os controles tecnológicos parece serem a própria personificação da razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais, a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível (MARCUSE, 1973, p. 30).

O padrão tecnológico perpassa pelos centros econômico, social, cultural, lógico e material fundindo-os em um mesmo sistema onipresente, que é o capitalismo. O próprio homem unidimensional é agora veículo dos padrões do sistema e em todos os lugares experimenta a doutrinação da mente pelas organizações produtivas e midiáticas. Tal como expõe Padilha e Bonifácio em seu artigo *Obsolescência planejada: armadilha silenciosa na sociedade do consumo* (2013).:

> Na sociedade de consumo, as estratégias publicitárias e a obsolescência planejada mantêm os consumidores presos em uma espécie de armadilha silenciosa, num modelo

> de crescimento econômico pautado na aceleração do ciclo de acumulação do capital (produção-consumo-mais produção).

Os indivíduos experimentam uma falsa liberdade, agradável a manutenção dos padrões unidimensionais, na qual todos são submetidos a uma impossibilidade de escolha, no que diz respeito aos produtos que consome e à forma como se comporta socialmente. Anteriormente a oferta de tais produtos, o sistema já os selecionou previa e intencionalmente ao consumidor, e, ainda, pré-determinou o tempo total de uso daqueles produtos. Vale citar aqui os aplicativos de aparelhos eletrônicos portáteis (celulares, tablets, etc.) que, em sua maioria, foram pensados e apresentados antes mesmo da demanda do consumidor. Primeiro, cria-se a utilidade, depois a necessidade. Os fabricantes previamente introduziram a utilidade dos aparelhos que está intimamente ligada a funções que nem se quer foram imaginadas anteriormente por seus receptores e que de antemão está programado sua validade. Aqui reside o sentido da *obsolescência planejada*:

> Planejar quando um produto vai falhar ou se tornar velho, programando seu fim antes mesmo da ação da natureza e do tempo de uso é a *obsolescência planejada*. Trata-se da estratégia de estabelecer uma data de morte de um produto, seja por meio de mau funcionamento ou envelhecimento perante as tecnologias mais recentes. Essa estratégia foi discutida como solução para a crise de 1929. O conceito teve início por volta de 1920, quando fabricantes começaram a reduzir de propósito a vida de seus produtos para aumentar venda e lucro (PADILHA e BONIFÁCIO, 2013).

Portanto, o homem não participa desta escolha; apenas deseja o que lhe oferecem. Sobre esta relação de produção e consumo, que atinge o homem também em sua condição antropológica, Marcuse comenta:

> Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo (MARCUSE, 1973, p. 32).

A reprodução espontânea pelo próprio indivíduo dessas falsas necessidades que lhe são impostas evidencia o domínio da falsa consciência, na medida em que o sistema gera e supre tais necessidades. Usando uma expressão marcuseana, na sociedade industrial observa-se a conquista tecnológica do homem pelo homem. Marcuse destaca que esse fator, é prova do caráter doutrinador da tecnologia e do precondicionamento do homem à cultura do consumo do desperdício. Há aqui o fechamento do conceito de homem unidimensional; nesse estágio de consumidor, o homem já se encontra nos produtos que consome, verdadeiramente “as criaturas se reconhecem em suas mercadorias” (MARCUSE, 1973, p. 29).

Nessa linha de pensamento, pontua-se agora que nem todos os "costumes" da sociedade industrializada estão em desuso na era da globalização, pode-se observar que o seu caráter consumista não só permaneceu, mas também se estabeleceu firmemente, sendo hoje a característica marcante do século, aliada às tecnologias da informação. Somos uma sociedade de consumo, que tem o útil por agradável, e a novidade por regra. Partindo da análise marcuseana aqui descrita, iniciemos agora uma avaliação das condições contemporâneas do homem unidimensional, no contexto da globalização.

3. Caracterização da globalização

Ao longo dos séculos a sociedade recebeu várias designações que buscavam caracterizar cada época histórica; uma tentativa de caracterizar cada sociedade nos termos que possam traduzi-la em suas relações e caracterizações sociais, culturais, políticas, econômicas, geográficas, históricas, demográficas, etc., peculiares e específicas de cada época. Por exemplo, os termos "sociedade industrializada", "pós-industrializada", "globalizada", etc., retratam o esforço de se caracterizar uma época, porque intentam descrever as principais características da sociedade em cada tempo. Na atualidade vive-se o panorama da globalização, a qual descreve processos que ocorrem na sociedade e suas relações de interação e comunicação na contemporaneidade, através do tempo e do espaço, instantaneamente. Sobre este tempo, observa o sociólogo brasileiro Octavio Ianni: "Em pouco tempo, as províncias, regiões e nações, assim como culturas e civilizações, são permeadas e articuladas pelos sistemas de informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica" (1996, p. 5).

O termo globalização vem para descrever um fenômeno que atingiu a todos, individualmente, ao redor do mundo, tal como afirma um dos grandes pensadores da atualidade: "A 'globalização' não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos *fazer*. Diz respeito *ao que está acontecendo a todos nós"* (BAUMAN, 1999, p. 64). Especialmente após o período da segunda guerra mundial, e com o advento de redes informatizadas, a globalização passou a designar a integração dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais ocorridos ao redor do mundo; uma espécie de "quebra das fronteiras" geográficas e, quem sabe, também dos pensamentos. Globalização, neste sentido, diz respeito àqueles processos pelos quais os povos do mundo são incorporados em uma sociedade mundial, uma sociedade global (ALBROW, 1990, p. 9).

Um conjunto de transformações foi iniciado ao redor do globo, compreendendo desde a ordem política de perca do poder do Estado sobre a economia até a liberalização dos embargos comerciais existentes entre as nações, tal como alude Bauman: “Estados fracos são precisamente o que a Nova Ordem Mundial, com muita frequência encarada com suspeita como uma nova desordem mundial, precisa para sustentar-se e reproduzir-se” (1999, p. 72), facilitando, assim, uma melhor circulação de capital, produtos e processos.

Como se pode observar, não são poucos os trabalhos científicos e filosóficos, surgidos no final do século XX, numa tentativa de apreender e designar este fenômeno da atualidade. Sobre estes intentos, Ortiz argumenta:

> Chama a atenção nesses textos a profusão de metáforas utilizadas para descrever as transformações deste final de século: “primeira revolução mundial” (Alexander King), “terceira onda” (Alvin Toffler), “sociedade informática” (Adam Schaff), “sociedade amébica” (Kenichi Ohmae), “aldeia global” (McLuhan) (ORTIZ, 1994, p.14).

Do mesmo modo, Ianni observa:

> Na era da globalização, o mundo começou a ser simbolizado como “aldeia global”, “fábrica global”, “terra pátria”, "nave espacial", "nova Babel" e outras expressões. Elas são razoavelmente metáforas originais, significados e implicações que surgem e preenchem textos científicos, filosóficos e artísticos (IANNI, 1996, p. 4).

Partindo das expressões particulares cunhadas desde o meado do século até os nossos dias, é possível observar que elas indicam uma transmissão global de interesses, assim como uma convergência nos modos de agir e pensar do homem na modernidade, este que é agora direcionado à práxis do capitalismo, ao consumo desenfreado. O termo globalização e suas metáforas descrevem, assim, uma nova ordem mundial que se estabeleceu por interesses capitalistas de expansão econômica e territorial dos mercados. Complementarmente, ao citar as expressões que tomaram conta do mundo a respeito da globalização, em sua obra *Teorías de la globalización,* Ianni relata que:

> Há metáforas e expressões descritivas e interpretativas fundamentadas, circulando em combinação pela literatura sobre a globalização: "economia mundial", "sistema mundial" shopping center global, "Disneylandia global", "nova divisão internacional do trabalho", “moeda global", "cidade global", "capitalismo global", "mundo sem fronteiras", "tecnocosmos", "planeta Terra", "desterritorialização", "miniaturização", "hegemonia global", "fim da geografia", "fim da história" e outras. Em parte, cada uma destas e outras formulações abrem problemas específicos também relevantes (IANNI, 1996, p. 4).

Mais precismante sobre o papel que desenpenha a tecnologia neste novo estágio da civilização ocidental, Milton Santos explica que: “Os últimos anos do século

XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da Terra. O mundo torna-se unificado – em virtude das *novas condições técnicas*, bases sólidas para uma ação humana mundializada" (2000, p. 19. Grifo nosso). O século XXI experimenta uma espécie de conexão mundial, onde uma ocorrência local pode ser o resultado das influências de outras situações ocorridas à milhas de distância, "a técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros" (SANTOS, 2000, p. 13).

No atual estágio das relações sociais, o arranjo social baseia-se no caráter monetário e tecnológico da sociedade globalizada. Mundialmente, os indivíduos são encaminhados para uma única estrada de sobrevivência: a da produção e do consumo material/espiritual. Esta cultura é transmitida pelos diversos meios de comunicação, midiáticos, publicitários, ou ainda pelos aparelhos eletrônicos de comunicação. Nessa perspectiva analítica é necessário agora entender a contextualização do homem unidimensional na sociedade globalizada e como as tecnologias da informação implicam nesse processo.

3.1. O homem unidimensional e a sociedade globalizada

Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, permanência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.

***Eu Etiqueta,* Carlos Drummond de Andrade.**

As tecnologias da informação caracterizadas por sua velocidade na comunicação propiciaram uma mudança considerável no mercado, no qual antes os produtos eram da natureza material, palpável, hoje se tornaram principalmente mercadorias idealizáveis e imateriais. Neste mercado se comercializam sonhos, aspirações, imagens e símbolos de desejos pessoais. "A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações" (BAUMAN, 1999, p. 86).

O caráter consumista do homem unidimensional, na atualidade, se comporta um tanto diferente daquele que Marcuse descreveu anteriormente, no sentido que, na

contemporaneidade o consumo se realiza deliberadamente, e na maioria das vezes de modo compulsivo e desnecessário. O indivíduo receptor dos anúncios e campanhas publicitárias é induzido ciclicamente à cultura do desperdício. André Gorz discute a produção do consumidor pelos meios informacionais e explica que:

> Observando-se mais de perto esse tema, vemos que o capital fixo imaterial é utilizado num plano inteiramente diferente: ele funciona como um meio de produzir consumidores. Dizendo de outro modo, funciona para produzir desejos e vontades de imagens de si e dos estilos de vida que, adotados e interiorizados pelos indivíduos, transformam-nos nessa nova espécie de consumidores que "não necessitam daquilo que desejam, e não desejam aquilo que necessitam" (GORZ, 2003, p. 48).

Como na modernidade a circulação da informação se dá relacionada com a geração do lucro econômico, a humanidade peregrina sob o princípio da instantaneidade, fadada à necessidade de imediatismos. Nesta realidade, a generalização das relações interpessoais tornou-se constante, assim como a busca desenfreada pelo consumo do útil e do novo. O ser humano rendeu-se às ilusões do consumo, tornando a presença do capitalismo indiscutível para sua manutenção.

Universalmente o que nos faz diferenciar da sociedade que nos precedeu são os hábitos do consumo. Na era industrial, a produção antecedia nas indústrias a comercialização; na atualidade, a geração dos desejos antecede a produção, ou seja, produz-se aquilo que já se foi vendido anteriormente no imaginário dos consumidores. Esta mudança veio acompanhada do uso desenfreado da automação das fábricas e da união compulsiva do homem com os aparatos que consome. Observemos aqui que se não fossem os objetos tecnológicos ideológicos e formadores de consciência, não poderia o consumo ter alcançado tamanhas proporções.

Neste mundo dito globalizado, a competitividade e o consumo tomaram conta do ser humano e de sua consciência. Tendo como principal consequência a disputa desenfreada pelo lucro, parafraseando Milton Santos (2000) a competitividade tem a guerra como regra. Para vencer este mercado predador são utilizados os mais fantásticos artifícios de convencimento para induzir o consumo na sociedade, e para tanto, são diversificados e aprimorados dia após dia os meios publicitários e midiáticos de doutrinação do publico. Nessa guerra, Bauman explica que "para abrir caminho na mata densa, escura, espalhada e "des-regulamentada" da competitividade global e chegar à ribalta da atenção pública, os bens, serviços e sinais devem despertar desejo e, para isso, devem seduzir os possíveis consumidores e afastar seus competidores" (BAUMAN, 1999, p. 86).

Ideologicamente nenhum objeto consumido deve ser o ponto final do desejo. Este, nunca deve chegar à satisfação, na cultura do consumo todos os homens obedecem à ordem do descarte material e da busca incessante pela novidade. Salvo da febre da racionalidade de aceitar o necessário, é próprio do homem unidimensional contemporâneo nunca estar satisfeito. "Para os consumidores da sociedade de consumo, estar em movimento — procurar, buscar, não encontrar ou, mais precisamente, não encontrar ainda — não é sinônimo de mal-estar, mas promessa de bem-aventurança, talvez a própria bem-aventurança" (BAUMAN, 1999, p. 90).

Os consumidores na modernidade têm sempre em si gerados novos anseios, para que, assim, o lucro não desvaneça no meio do caminho. Chegamos, então, na estrada da individualidade seja ela da esfera social, política ou econômica. Porque assim é mais fácil convencer os indivíduos a se preencherem (materialmente, psicologicamente, antropologicamente, etc.) com a apropriação de um bem material, que aparece sempre mais "renovado" ou "aperfeiçoado" repetidamente nas vitrines e estantes. Observa-se, pois, a coisificação do ser e de suas relações sociais gradualmente.

Apesar dos meios tecnológicos "informacionais" serem provisionadores da comunicação entre os indivíduos distantes um do outro, se pode identificar que, com o uso e o apego pessoal do aparelho eletrônico, o apelo sempre é para que nos conectemos com quem está longe, pouco importando com quem está ao lado. Por isso mesmo é possível que nos emocionemos mais com a catástrofe ocorrida lá fora, por exemplo o desastre com um avião aéreo, do que com as que acontecem no nosso próprio país, por exemplo, os barcos que frequentemente afundam com as populações ribeirinhas no Rio Amazonas. Neste sentido, Ortiz, avalia: "Nas sociedades modernas as relações sociais são deslocadas dos contextos territoriais de interação e se reestruturam por meio de extensões indefinidas de tempo-espaço" (ORTIZ, 1996, p. 45). Esta situação explica o porquê é tão difícil evitar que padrões unidimensionais da sociedade do consumo cheguem tão longe, pois estamos cada vez mais ligados aos aparelhos que nos distanciam de uns na promessa de aproximar-nos de outros. Sobre a desintegração dos relacionamentos humanos, cita-se o historiador Eric Hobsbawm, quando analisa o capitalismo:

> A [...] transformação [gerada pelo capitalismo], em certos aspectos a mais perturbadora, é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente. Isso ficou muito evidente nos países mais desenvolvidos da versão ocidental de capitalismo, onde predominaram os valores de um individualismo associal absoluto, tanto nas ideologias

> oficiais como nas não oficiais, embora muitas vezes aqueles que defendem esses valores deplorem suas consequências sociais (HOBSBAWM, 1994, p. 24).

Através da globalização e das tecnologias da informação, a sociedade contemporânea conseguiu, imprimir no mundo inteiro a personificação do consumidor ideal; seria este o mantenedor e o propagador da consciência unidimensional do consumo. É por isso que podemos notar facilmente em nossa época, o uso do automóvel particular como principal meio de mobilidade, o celular como principal meio de comunicação, o computador como principal meio de trabalho, entre outros. Esses objetos são de uso pessoal e quanto mais isolado o homem estiver, mais facilmente será coagido a preencher seu isolamento com objetos materiais que transmitem a sensação de bem-estar, sublimando a solidão.

A tecnologia, deste modo, continua sendo usada como mediadora nos processos de alienação da consciência humana, servindo ideologicamente como transmissora dos ditames de uma sociedade controladora e sumamente capitalista. É importante, pois, destacar que as implicações antropológicas da tecnologia, inicialmente descritas por Marcuse ainda no século passado, servem de base para a identificação da unidimensionalidade humana, solidificada na contemporaneidade. Sendo, portanto, necessária às implicações filosóficas e antropológicas da tecnologia, sobretudo, para desmitificar certos conceitos ainda enraizados nos meios científicos e tecnológicos que ainda hoje persiste e insiste na concepção da neutralidade da ciência e da tecnologia.

4. Considerações finais

O homem unidimensional descrito por Herbert Marcuse em meados do século XX, ainda é visível nos dias atuais, principalmente no tocante a sua relação e identificação com os produtos que consome. “Somos possuídos por nossas imagens, sofremos as nossas próprias imagens” (MARCUSE, 1973, p. 229). A chamada globalização, acelerada pelas tecnologias da informação, integrou o mundo nas suas relações políticas, econômicas, sociais, históricas, culturais e outras. A tecnologia proporcionou, dessa forma, que a unidimensionalidade do homem antes somente experimentada nas culturas hegemônicas se espalhasse pelo globo, e que as características da sociedade industrial fossem transpostas para a sociedade do consumo.

Nesse aspecto observa-se que houve uma transformação do que antes era propriamente individual de uma cultura em algo global, e a febre do consumo tomou conta de todas as relações antropológicas mediadas pela tecnologia mundialmente.

Dessa forma, pôde-se identificar que o homem unidimensional formado na sociedade industrial chegou ao século XXI mais ligado aos aparatos que consome do que nunca antes. Afinal a grande arma do sistema controlador das necessidades impostas ao homem na atualidade é a produção incessante dos desejos no consumidor.

Nesse contexto, compreender a visão de Marcuse sobre a unidimensionalidade do homem, nos remete à reflexão sobre a nossa própria condição de alienação e da espécie de consumidor que nos tornamos gradualmente ao longo dos anos. Se, na atualidade, a globalização pode ser reconhecida como a própria personificação da razão unidimensional, então a análise marcuseana é ainda hoje, sobretudo, nessa era globalizada, consideravelmente presente. Reconhecer, pois, a necessidade desta crítica, incita-nos a buscar modos de libertação da ideologia que nos é imposta pela sociedade tecno-científica, e a tomar consciência sobre a nossa condição e as implicações antropológicas da tecnologia no mundo contemporâneo.

Neste sentido, este trabalho buscou apresentar a atualidade da tese marcuseana com a perspectiva de acender o anseio da autonomia e da autodeterminação da condição humana, que somente pela sua liberdade de escolha e retomada da consciência crítica, poderá discernir com mais clareza o mundo em que habita. Diante do exposto, pode-se concluir que, a autorreflexão sobre a condição tecnológica do ser, iniciada por Marcuse, apresenta-se como a chave que abre o diálogo para a tomada de consciência da condição humana. E ainda, somente a tomada de consciência da condição humana que hoje está posta e imposta pelo discurso da unidimensionalidade do homem, da unicidade da história, da unilateralidade do ser, poderá abrir espaço para o diálogo e a construção de outros caminhos possíveis da condição humana de estar no mundo.

5. Referencial bibliográfico

ALBROW, Martin. **Globalization, knowledge and society**, *in* Martin Albrow e Elizabeth King (eds.), Globalization, knowledge and society, Londres: Sage Publications, 1990.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Eu Etiqueta**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 16-1-Caderno B, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. **'A internet desaparecerá', diz diretor executivo do Google em Davos.** Disponível em:

http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/1580022-a-internet-desaparecera-diz-diretor-executivo-do-google-em-davos.shtml. Acesso em: 24 Ago. 2015.

GORZ, André. **O Imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume Editora Comunicação, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos (o breve século XX: 1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

IANNI, Octavio. **Teorías de la globalización**. México: Siglo XXI editores CEIICH-UNAM, 1996.

KELLNER, Douglas. **Tecnologia, Guerra e Fascismo: Coletânea de Artigos de Herbert Marcuse.** Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. **Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social**. 5ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna**. *In*: Tecnologia, Guerra e Fascismo, editado por Douglas Kellner. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MIRANDA, A. L. **Da Natureza da Tecnologia: Uma Análise Filosófica sobre as Dimensões Ontológica, Epistemológica e Axiológica da Tecnologia Moderna**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: Biblioteca do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

PADILHA, Valquíria; BONIFÁCIO, Renata Cristina A. Obsolescência planejada: armadilha silenciosa na sociedade de consumo. In: **Le Monde Diplomatique/Brasil** Edição on-line, 02 de Setembro de 2013. Disponível em: http://diplomatique.org.br/artigo.php?id=1489. Acesso em: 10 Dez. 2013.

RAZAC, Olivier. Arame farpado: ferramenta rudimentar mas ainda eficaz. In: **Le Monde Diplomatique/Brasil**. Edição on-line, 2 de setembro de 2013. Disponível em: http://diplomatique.org.br/artigo.php?id=1494. Acesso em: 11 Nov. 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

USER/EXPERIENCE/WORKS. **A Magazine Is an iPad That Does Not Work.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aXV-yaFmQNk. Acesso em: 24 Ago. 2015.